**NO ALTAR DA VIDA**

**SANTIDADE É VOCAÇÃO DE TODOS**

 **(PARTE VI)**

Maria Carmem Castanheira Avelar[[1]](#footnote-1)

É na comunidade, que vivencia a comunhão fraterna, que a santidade profética tem sentido e finalidade. Neste contexto, sempre haverá espaço para profetas que, dotados de maior perspicácia, percebem os desvios do caminho e os denunciam, apontando para novos horizontes. Cada comunidade deveria, então, favorecer o desenvolvimento dos diferentes carismas que, suscitados pelo Espírito Santo conforme as urgências dos tempos e dos lugares, revelam a multiforme sabedoria de Deus. Quanto poderá ajudar uma comunidade santa, geradora de carismas e incentivadora de homens e mulheres, apaixonados, perseverantes no discipulado. Uma comunidade que acolhe, cuida e fortalece os irmãos na fé, os santos de hoje que, na força do Espírito, vivem e concretizam como Jesus Cristo, a santidade samaritana sobre a qual apresentarei algumas reflexões.

**A urgência de uma santidade samaritana**

Jesus Cristo, alicerce da espiritualidade cristã, é que nos inspira, com seu exemplo, e nos exorta, com suas palavras, sobre a importância da santidade samaritana. A maior parte da vida dele, a quem deve o santo seguir, aconteceu em meio ao pó das estradas da Judéia, Samaria e Galiléia. Vida dinamizada pelo contato com as pessoas, pela atividade missionária evangelizadora, por relações de amizade, atitudes de amor-serviço, visando à promoção a vida, da liberdade e dignidade dos seus contemporâneos: “*Ele passou fazendo o bem a todos*” (At 10,38).

No coração do Evangelho, encontra-se  justamente o Bom Samaritano, indicando-nos uma santidade samaritana: “*Vai e também tu faze o mesmo*” (Lc 10,37), ou seja, procura viver a experiência de Deus, na estrada, exercendo a solidariedade e o amor/serviço, sobretudo para com os mais necessitados. A experiência do amor de Deus, cultivada por Maria  irmã de Marta, “*ela escolheu a melhor parte*” (Lc10,42) - a atenção ao Senhor - há de transbordar na vivência do amor concreto do Samaritano. A santidade que nos comove é, portanto, a do cotidiano, efetivada no caminho, junto aos caídos e necessitados: “*O Samaritano chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. Aproximou-se e cuidou de suas chagas*” (Lc 10,33-34).

Com certeza, existe a primazia da  graça, da atuação do Espírito que sopra onde e quando quer. Mas, uma vez acolhido o dom da graça, no coração receptivo, obras de amor, justiça e reconciliação hão de surgir. A atitude amorosa, acolhedora de Maria (cf. Lc 10,42) casa-se, perfeitamente, com a solidariedade, com o amor/serviço do samaritano (cf. Lc 10,29-37). E o Bom Samaritano, por excelência, é Jesus Cristo.

Quem acolhe o amor de Deus e se deixa transformar por ele saberá fazer uma síntese integradora entre ser-contemplar, amar-servir. Por isto, é necessário cuidar para que o pêndulo não aponte exageradamente, para Maria, desconectada do Samaritano, ou vice-versa. Se isto acontecer, os resultados serão negativos para a experiência cristã. Aí se enquadram os tipos de oração alienada que falsamente aproximam de Deus, pois enclausuram a pessoa no próprio eu, na solidão estéril, no distanciamento da realidade e dos irmãos e irmãs. No campo da santidade, o que nos interessa e atrai é a oração/contemplação, aquela que brota da acolhida e da sintonia com o amor primeiro: oração transformadora. Interessa-nos a oração que pervade a vida toda e que é imprescindível a todo itinerário de santidade.

É preciso compreender bem o que Jesus Cristo indica, propondo a perfeição como objeto aos discípulos. O “*Sede perfeitos como vosso Pai é perfeito*” (Mt 5,48) muito mais que se referir à observância minuciosa da lei pela lei, refere-se à vivência efetiva da misericórdia e do amor (cf. Lc 6,36). Longe de nós, porém, desvalorizar toda dedicação e generosidade de tantos Santos e santas que trilharam o caminho da ascese, da abnegação e renúncia, com despojamento e reta intenção. Fizeram o que puderam e o que pensaram ser melhor. Contudo, é bom insistir que a virtude está na articulação entre Maria e o Samaritano. Ambos expressam a mesma atitude de acolhida e de explicitação do amor generoso de Deus salvador. O santo, movido pelo Espírito, consegue esta articulação.

**Ser santo com os tempos e os lugares**

Cada tempo pede um tipo de santidade, mas, cada pessoa tem seu modo de vivê-la. O amor de Deus é criativo e gerador de vida renovada. O Espírito Santo é pródigo na concessão de dons variados e complementares: profetas, diáconos, presbíteros, leitores (cf. LG, V. 39), evangelizadores, homens e mulheres comprometidos com o amor, vivido no cotidiano tendo em vista a edificação da sociedade justa e fraterna. Como na Igreja, comunidade dos seguidores de Jesus Cristo, existem muitas marcas, diferentes são os modos de concretização do amor. Assim, como Zilda Castro, a heroína do início deste ensaio, cada qual é chamado a acolher as interpretações do Deus-Ágape, segundo a medida dos próprios dons.

Nenhum santo consegue esgotar as insondáveis riquezas do amor de Deus. Na multiplicidade dos dons, podemos apreciar o infinito potencial da graça. Em Maria, admiramos a profundidade da contemplação: “*Ela conservava tudo no próprio coração*” (Lc 2,41). E falo de Maria, Mãe de Jesus, mulher do Sim: disponibilidade, acolhida, compromisso e mulher do Não: resistência, coragem, determinação. Nela, constatamos o silêncio, gerador de vida e também ousadia em assumir o Projeto do Pai: aqui estou!(Lc 1,38), em disponibilidade irreversível e em solidariedade aos pequenos e oprimidos: “*Abate os poderosos dos seus tronos e eleva os humildes*” (Lc 1, 52).

Em Simão Pedro contemplamos a coragem de recomeçar, o zelo na evangelização, no testemunho da fé que se fortaleceu no amor. Em Tereza de Ávila, o arrebatamento do amor que envolve, transforma e produz obras de renovação. Em Inácio de Loyola, a contemplação na ação que leva a discernir as moções do Espírito para nele pautar as opções pessoais, a serviço da Igreja. Em Domingos de Gusmão o zelo pela verdade. Em João Bosco, a alegria, bondade e amor efetivo e afetivo que cria relações transformadoras. Isto para citar alguns, lembrando que cada época tem seus santos. E, em todos, a primazia do amor é o eixo articulador de opções e ações, como em Teresa de Calcutá que persistiu, não sem dificuldades(ascese), no amor/serviço. Como discípula de Jesus, promoveu a vida e a esperança, fazendo prevalecer o amor (mística) e concretizando a santidade samaritana do cotidiano. Também é bom lembrar que  em todos estes reconhecidos santos, houve ambiguidades, noites escuras, crises existenciais, dúvidas, lutas interiores, momentos de dor e de fracasso. O diferencial encontra-se na acolhida do Dom de Deus e na persistência na entrega da vida, na dedicação ao amor/ serviço, para a renovação de homens e mulheres, em Jesus Cristo.

Mas, santo mesmo é Jesus Cristo, das estradas da Palestina, sensível e comprometido com a gente do seu tempo, comunicador exímio no anúncio do Reino de Deus, coerente até às últimas consequências com o projeto do Pai, amoroso com amigos, marginalizados  e desprezados. Jesus em constante e perfeita sintonia com o Pai, solidário com o seu povo, até à cruz Jesus Cristo vivo e ressuscitado, vencedor do medo, da opressão, da injustiça, da morte.

1. Professora da PUC-Rio e do ISE-Censa. Religiosa, doutora em Teologia Sintemático-Pastoral pela PUC-Rio. Mestre em Psicologia da Educação pela FGV-RJ, especializou-se em Espiritualidade pela Universidade Pontifícia Salesiana de Roma. [↑](#footnote-ref-1)